



POLÍTICA OPERÁRIA

Construir uma oposição classista, independente e de luta na AFUSE!

A AFUSE realizará um Congresso em agosto deste ano, e nós, da Corrente Proletária, estamos começando desde já uma campanha em defesa de um Congresso de luta, democrático e que se coloque no campo da independência de classe. Esse trabalho faz parte do combate por uma nova direção para o sindicato, que seja classista, independente e de luta. Fazemos oposição à atual direção, devido à sua política de conciliação de classes, ao seu imobilismo e devido à ausência de democracia interna. Fazemos um chamado aos funcionários de escola para que venham debater nossas ideias e, mais especificamente, para que atuem desde as escolas expressando a campanha em favor de um Congresso voltado à luta de classes, voltado à defesa das reivindicações dos funcionários de escola e dos trabalhadores em geral.

A seguir, levantamos alguns pontos para o debate:

1. A conjuntura é de agravamento da crise econômica mundial. O capitalismo espalha a barbárie, em suas múltiplas formas (guerras, fome, desemprego etc.) e obriga os governos a aprofundarem o ataque às condições de vida das massas. Destacam-se a guerra na Ucrânia e o genocídio na Palestina. Situação que exige, como única saída progressiva, a mais ampla resistência dos explorados, sob a direção da classe operária, com seus métodos e seu programa.

2. Os governos têm descarregado o peso da crise econômica sobre os trabalhadores e a juventude, retirando direitos históricos, conquistados com muita luta. No

Brasil, foram aprovadas no último período diversas contrarreformas, como a previdenciária, a trabalhista, do Novo Ensino Médio, a Lei da Terceirização, entre outras medidas. No estado de SP, em particular, já foram aprovados diversos aspectos da contrarreforma administrativa, a exemplo da “Nova Carreira” dos professores. O atual governo federal, o governo de frente ampla de Lula e Alckmin, não só não revogou as contrarreformas de Temer e Bolsonaro, como mantém a ameaça da reforma administrativa. O ultradireitista Tarcísio aprofunda a linha privatista e autoritária dos governos anteriores.

3. Os explorados têm resistido como podem, erguendo a luta instintiva em defesa dos direitos e de suas condições de vida. Esses levantes abarcam desde a resistência ao genocídio na Palestina, como o demonstraram as ocupações estudantis nos EUA, até as greves em defesa dos salários e por melhores condições de trabalho. Exemplo importante disso é o movimento grevista da Educação federal, envolvendo universidades e Institutos Federais. A greve do funcionalismo municipal, que começou no dia 8/3 e durou 21 dias, também revela essa tendência de luta.

4. O problema está na política de conciliação de classes, no governismo e no imobilismo das direções sindicais. A direção da Afuse, por exemplo, não convoca as assembleias presenciais para preparar a luta conjunta em defesa dos empregos, dos salários e direitos, especialmente pela estabilidade a todos os trabalhadores da Educação. Não move uma palha para combater a

terceirização. Nada faz contra o avanço do privatismo desenfreado do governo Tarcísio. Ou seja, não dá resposta política à altura para nenhum dos problemas mais graves que afetam os funcionários de escola.

5. A política de conciliação de classe e o aprofundamento da burocratização engessa a vida do sindicato. A direção da AFUSE, ligada ao PT, tem se perpetuado há anos mediante a anulação do princípio da democracia operária. Os encontros são controlados pela burocracia sindical, de modo a frear a organização independente dos trabalhadores desde o chão de escola. O estatuto é utilizado como uma arma para tentar impedir a expressão de qualquer linha política contrária à da direção. É o caso dos Congressos da entidade, construídos somente para referendar a política conciliadora da direção. As reuniões do Conselho se dão à margem da categoria. Parte das reuniões é feita no Diretório do PT - no caso, da Zona Leste -, quebrando totalmente a independência do sindicato diante dos governos e do Estado. Tudo isso piorou nos últimos tempos, com a utilização dos mecanismos virtuais, completamente avessos à necessidade de organização classista dos funcionários.

6. Aumentou o controle do Estado diante das atividades sindicais. No caso da AFUSE, uma das formas utilizadas pelo governo nesse sentido está relacionada à questão do abono do dia para as atividades do sindicato. Formalmente, o sindicato tem garantidos dois representantes (RUTs) por escola. Porém, na prática, não podem ir os dois à reunião. Trata-se de uma medida que expressa uma tendência geral de ataque da burguesia sobre as ferramentas de luta dos explorados, como vimos na repressão aos metroviários grevistas de SP, punidos com a demissão, além de muitos outros casos semelhantes.

7. Um dos alvos principais dos governos no momento é a estabilidade do funcionalismo, através da chamada reforma administrativa. Até agora, os sindicatos e centrais ainda não ergueram a luta unitária contra mais essa contrarreforma. A Afuse é filiada à CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, dirigida também pelo PT), e ambas seguem caladas em relação a essa questão, quando o correto seria estar organizando o combate, unificando todo o funcionalismo, em todo o país.

8. As direções sindicais seguem na paralisia, enquanto faltam funcionários nas escolas, avançam as contratações precárias e as privatizações, e a terceirização mutila as trabalhadoras da cozinha e da limpeza. São poucas trabalhadoras para dar conta da comida, estoque e limpeza. Ficam doentes e perdem a cesta básica quando apresentam o atestado médico. Numa situação tão difícil como essa, a direção não faz um chamado de unidade. Absurdo! Mesmo com a Educação federal em movimento, a Afuse permanece no isolamento, no corporativismo e sem convocar as assembleias.

9. Daí a importância de construir uma oposição classista, independente e revolucionária na AFUSE. A tarefa é a de retomar o sindicato para a luta, em defesa de um sistema único de ensino público, gratuito, para todos, sob controle dos que estudam e trabalham e vinculado à produção social. A campanha por um Congresso combativo em agosto é parte dessa luta. O caminho passa por defender as reivindicações elementares da categoria, com o método da ação direta e em unidade com os demais setores, fazendo a ponte com a luta mais ampla dos trabalhadores, sob a direção da classe operária, contra a raiz de todos os males que afligem os explorados, que é o capitalismo.

Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

